

De um Zêuxis às avessas (*República VI, 508b-509b*): a imagem do Sol e a posição de Ferguson

A Zeuxis upside-down (*Republic VI, 508b-509b*):
simile of the Sun and Ferguson's thesis

André Luiz Braga da Silva
Doutorando em Filosofia/USP

RESUMO: No Livro VI da *República* de Platão, vemos o personagem Sócrates expor um de seus mais célebres engenhos, o simile ou imagem do Sol (508a4-509c4). A partir da defesa de que, na passagem, o termo “visível” não tem o sentido que a tradição sempre lhe deu, Alexander Ferguson (1921; 1922) apresentou uma nova possibilidade de interpretação dos Livros VI e VII da obra. O presente artigo visa demonstrar a insustentabilidade da tese do comentador inglês.

PALAVRAS-CHAVE: PLATÃO; REPÚBLICA; SOL; ANALOGIA; FERGUSON

ABSTRACT: In Book VI of Plato's *Republic* we see character Socrates to expound one of his best inventions, the simile of the Sun (508a4-509c4). Scholar Alexander Ferguson (1921; 1922) presented a new possibility of interpretation of books VI and VII of this work, under the argument that most of exegetic commentaries completely misunderstood word “visible” in the Sun passage. This paper intends to demonstrate the unsustainability of english scholar's main thesis.

KEYWORDS: PLATO; REPUBLIC; SUN; ANALOGY; FERGUSON

1. INTRODUÇÃO

[...] quisera que este livro [...] fosse o mais formoso, o mais galhardo e discreto que se pudesse imaginar; porém [...] que podia [...] o meu engenho, estéril e mal cultivado, produzir neste mundo, senão a história de um filho magro, seco e enrugado [...]? Bem como quem foi gerado em um cárcere, onde toda a incomodidade tem o seu assento, e onde todo o triste ruído faz a sua habitação?

[...] sentenças de Aristóteles, de Platão, e de toda a caterva de filósofos [...]. De tudo isto há de carecer o meu livro, porque [...] não sei os autores que sigo nele para pô-los em um catálogo alfabético [...], começando por Aristóteles, e acabando em Xenofonte [...] ou em Zêuxis, se bem foi maldizente um e pintor o outro.

Miguel de Cervantes¹

Em sua *História Natural*², Plínio, o Velho, deixou ao Ocidente uma das mais célebres anedotas do mundo da arte. Conta ele que, no século V a.C., a Grécia viu a disputa entre dois dos seus maiores expoentes em pintura, o já muito famoso Zêuxis de Heracleia, e seu desafiante, Parrásio de Éfeso. Segundo uma das interpretações da disputa, ambos os pintores trouxeram suas telas cobertas por um pano, para avaliação de qual seria a mais perfeitamente acabada. Quando Zêuxis retirou a cobertura do seu trabalho, viu-se a imagem de uvas – uvas tão perfeitamente pintadas, que as aves desceram do céu em direção ao quadro, e, tomando as frutas por verdadeiras, bicavam-nas estupidamente. O feito impressionou a todos, e Zêuxis, fiado no julgamento dos animais, tomou a vitória como certa. Ordenou então a Parrásio que retirasse a cobertura de seu quadro, para que todos pudessem vê-lo. O outro, por seu turno, nada fez, e Zêuxis, irritando-se com o adversário, aproximou-se da obra para descobri-la por si mesmo. Passando a mão e tentando agarrar o pano, só então

¹ SAAVEDRA, 2002, p. 14-15.

² PLÍNIO, O VELHO. *História Natural*, XXXV, 36, 10.

percebeu o seu grande engano: o pano não era pano, mas sim imagem pintada. A tela não estava coberta; a cobertura era a própria pintura. Zêunix, assim, de pronto declara-se vencido, assinalando que ele não havia enganado senão a aves, ao passo que Parrásio engara a ele próprio, que era um verdadeiro artista.

2. Nosso problema

No Livro VI da *República* de Platão, quando os personagens Glauco e Adimanto exigem de Sócrates uma explanação argumentativa sobre a Ideia de Bem, que seria o fundamento ontológico da *kallipolis*, vemos a discussão da obra mudar visivelmente de rumo³. Inicialmente, o personagem Sócrates diz que não pode arriscar uma tal explanação, porque não tem conhecimento real sobre o assunto, mas apenas opiniões⁴. Em seguida, ele acrescenta que, mesmo sobre estas opiniões, se ele por ventura se arriscasse a expô-las, ocorrer-lhe-ia ser punido com gargalhadas, pelo cometimento de coisas vergonhosas⁵. Fustigado, entretanto, pela férrea insistência de Glauco, que não dá sinais de ceder diante dessas tergiversações⁶, Sócrates faz uma proposta mais “modesta”: deixar de lado a explicação ontológica nos termos exigidos, que de resto não poderiam mesmo ser alcançados naquela discussão⁷, e apresentar, como alternativa, um quadro imagético daquilo que seria o mais semelhante ao Bem, na condição de “filho”: o Sol⁸.

Aceita a proposta, o filósofo ateniense expõe então os três famosos símiles ou imagens da *República*: Sol⁹, a Linha¹⁰ e a Caverna¹¹. Deixando a Caverna em suspenso, voltemo-nos para os dois primeiros símiles. Deles, inicialmente são feitas enunciações “nuas”, nos moldes das analogias do discurso matemático ou

3 PLATÃO. *A República*, VI, 504e4 *et seq.*

4 PLATÃO. *A República*, VI, 505a4-5; 506c2-7.

5 PLATÃO. *A República*, VI, 506d7-8.

6 PLATÃO. *A República*, VI, 506d2-5.

7 PLATÃO. *A República*, VI, 506d8-e3.

8 PLATÃO. *A República*, VI, 506e3-5.

9 PLATÃO. *A República*, VI, 508b12-509b10.

10 PLATÃO. *A República*, VI, 509d1-511e5.

11 PLATÃO. *A República*, VII, 514a1-520d1 e 532b6-d1.

geométrico. Estas versões iniciais, simplificadas, dos símiles, contudo, num segundo lugar darão lugar ambas a desenvolvimentos e explicações maiores das imagens. Sobre estas enunciações iniciais, elas ocorrem através das seguintes palavras:

No caso do Sol:

Dize então que eu digo [...] isto, sobre a cria do Bem [sc. o Sol], aquele que o Bem gerou como um análogo dele próprio: que o que ele [sc. o Bem] [é] na região inteligível e em relação ao *noûs* e às coisas 'inteligidas', este [sc. o Sol] é o mesmo na [região] visível e em relação à visão e às coisas vistas. (PLATÃO. *A República* VI 508b12-c2)

E, no da Linha:

[...] Mas então tu manténs/consideras estas duas espécies [de coisas], o visível e o inteligível? Mantenho/considero. Então, como se estivesses tomando de uma linha cortada em duas partes desiguais, corta novamente, segundo a mesma razão/proporção, cada uma dessas partes – a [parte] do gênero visível e a do inteligível [...] (PLATÃO. *A República* VI 509d4-8)

Na tradição interpretativa do texto, a leitura mais frequente de ambas estas passagens é a de que a divisão “visível e inteligível”, presente nos dois símiles, seria uma divisão da realidade. A partir dessa divisão, entendeu-se que estaria em jogo nos símiles do Sol e da Linha uma espécie de dualismo ontológico – cuja manifestação mais notória seria justamente esta supracitada divisão inicial da Linha.

Contra esta leitura, Alexander Stewart Ferguson apresentou sua posição através da publicação, em 1921 e 1922, de seus dois artigos intitulados “Símiles da Luz de Platão – Parte 1” e “[...] Parte 2”¹². Segundo o *Dicionário dos filósofos britânicos do século XX*, com

12 Para fins críticos do presente artigo, não foi levado em consideração o retorno de Ferguson ao tema, doze anos depois (FERGUSON, 1934) – retorno este que apresenta abordagem sensivelmente diferente do tema. Contudo, importa frisar que tal diferença não representa uma mudança, nesse artigo posterior, da sua posição em relação ao texto de *República* VI e VII. Tal diferença

esses “dois brilhantes artigos”, Ferguson “fez o seu nome na década de 20”¹³. E é notável que a inquestionável força desses dois artigos advenha de uma ideia central extremamente simples, a saber: no símile do Sol, o “visível” é única e exclusivamente uma imagem, símbolo ou metáfora para o inteligível; e esse “estatuto” não se modifica em momento nenhum no decorrer dos três símiles. A simplicidade dessa tese inicial, todavia, contrasta com o poder de suas interessantes consequências: sendo o que é chamado de “visível” no símile apenas um símbolo e em hipótese alguma uma “parte” da realidade, então não há implicações “ontológicas”¹⁴ dos três símiles, no sentido de uma divisão da realidade em dois (conforme o Sol e a Caverna), ou em quatro (conforme a Linha). Para Ferguson, portanto, qualquer “dualismo” “metafísico”¹⁵ que a tradição viu nestes símiles decorreu de uma interpretação em raiz muito ruim dos mesmos. Em suas próprias palavras:

Em interpretando estes símiles, nós caímos em erro, o qual leva por seu turno a mais erros, a partir do momento em que símbolos se tornam mais do que símbolos, e adquirem uma certa realidade por si mesmos. Isso eu acredito ser a causa de todas as nossas perplexidades e disputas.
(FERGUSON, 1921, p. 132)

Em suma: o núcleo de tese fergusoniana é que há uma espécie de “definição”¹⁶ de “visível” no Livro VI da *República*, segundo a qual isto seria tão somente uma “metáfora” ou “símbolo” do inteligível, e, dado que o sentido dessa “definição” nunca é demarcadamente alterado no texto, ele deve ser mantido não só para a

reside no uso, em FERGUSON (1934), de um variado aparato conceitual aristotélico para o comentador arguir pela defesa de sua tese perante críticas posteriores, como a de Murphy (1932).

13BROWN, S. (ed.) *Dictionary of Twentieth-Century British Philosophers*. Bristol: Thoemmes Continuum, 2005, p. 279.

14Ferguson (1921) utiliza mais o termo “cosmológico” que “ontológico” (p. 133).

15 FERGUSON, 1921, p. 131; 133; 134; 138; 139; 144; 146.

16 FERGUSON, 1921, p. 133; 140 (*sic.*).

totalidade do símile do Sol, mas também para a Linha e para a Caverna. Qualquer posição para além dessa, para Ferguson, é “ingenuidade” exegética¹⁷. Aos seus olhos, os comentadores, alheios a esta evidência textual (esta “definição”), tomaram arbitrariamente o “visível” no símile do Sol como representando uma parte da realidade, o “mundo sensível”; e então leram a Linha como uma classificação ontológica dos tipos de entes da realidade, e a Caverna como a representação de dois tipos de 'vida', um em cada 'parte' da realidade. E isto, para Ferguson, é a causa de todas as dificuldades imersas nas quais as três imagens chegam até nós.

3. Princípio de leitura e a “definição” que Ferguson vê em República VI

Antes de iniciar o debate com esse ilustre estudioso, seria interessante, primeiro, retomar a justificativa dele próprio de como chegou às suas conclusões. Concedendo-lhe novamente a palavra, afirma o comentador: “Eu segui a própria ordem de exposição de Platão, porque ela pareceu colocar nossas perplexidades modernas em perspectiva”¹⁸. Peço então a vênica para tomar estas sonoras palavras de Ferguson como princípio para o meu próprio debruçar sobre o texto de Platão, e para averiguar se a sua interpretação sobrevive ao choque com esse mesmo texto. Seguindo assim fundamentalmente a “própria ordem de exposição de Platão”, perguntemos a Ferguson: em que página da *República* está essa sua 'sagrada' definição do “visível” ou do “ver” como mero símbolo ou metáfora para o inteligível ou 'inteligir' (“pensar”)? Ainda que de um modo um tanto quanto truncado, o estudioso inglês provavelmente nos daria a seguinte resposta:

[...] Ele [sc. o personagem Sócrates] relembra os “muitos belos” e a “beleza em si”, a qual é uma, do Livro V (479e). “E nós dizemos [...] que os primeiros são vistos (*horásthai*) mas não concebidos/compreendidos (*noeísthai*), enquanto que as Ideias são concebidas/compreendidas mas não vistas” (507b). Então o sentido de *visto* está

17 FERGUSON, 1921, p. 133.

18 FERGUSON, 1921, p. 150 – grifos nossos.

estritamente definido. Porque a análise da visão e da audição que se segue arranca de Glauco a admissão de que a visão difere de todos os outros sentidos em exigindo um precioso laço para unir isso com seu objeto. Este laço é a luz e sua fonte o sol. [...] A *República* aqui lembra essa oposição [sc. visível e inteligível] puramente com vistas a selecionar um elemento único na matéria e usá-lo como símbolo do não-visto. (FERGUSON, 1921, p. 132-133)

É com tais palavras que o estudioso inglês expõe a dita “definição” ou estabelecimento rígido de um “simbolismo”, no texto do diálogo, por parte do personagem Sócrates. A partir destas palavras, a continuação de seu comentário é toda pautada pela certeza de que nesse trecho citado por ele, 507b, encontra-se a tal “definição”. Que haja nessa passagem da *República* uma menção, de um lado, às “coisas vistas” ou “visíveis” (literalmente: “aquelas [coisas] a se ver”, *tà horâsthai*, 507b9), e, do outro, às “inteligíveis” (literalmente: aquelas coisas “a se 'inteligir”, *noeîsthai*, b10), sobre isso não há dúvidas. Mas, que as primeiras sejam, neste trecho, “estritamente definidas” como símbolos ou metáforas das segundas, como quer Ferguson, eu pessoalmente não consigo ver. Não consigo ver, na verdade, nenhum indício mínimo de presença dessa tese ou dessa “definição” do visível no trecho citado pelo comentador. Ele, contudo, não parece ter dúvidas dessa presença, tomando-a como chave de sua leitura para os três símiles que, em sequência, serão apresentados na obra.

Ora, todos nós, intérpretes do texto, temos nossas chaves de leitura ao ler obras filosóficas. A absoluta neutralidade é sempre, para empregar uma feliz expressão holderliniana, uma “ingenuidade sonhadora”¹⁹. Sendo assim, seria interessante utilizar, como chave de leitura da imagem do Sol na *República*, aquelas precisas palavras de Ferguson: a opção de seguir a própria ordem de exposição de Platão. O comentador inglês, como visto, entende que a noção de “visível” aparece “definida” no texto do diálogo meramente como símbolo ou metáfora do inteligível; sua demonstração, entretanto, da presença dessa “definição” no texto platônico, visivelmente deixou a desejar. É pertinente, então, fazer a mesma pergunta que aparentemente este

19 HÖLDERLIN, 1988, p. 110.

comentador fez a si mesmo: como surge, no texto da *República*, a noção de “visível”? Como essa noção é introduzida no texto e o que ela, quando dessa introdução, representa?

4. O contexto textual originário dos elementos presentes no símile do Sol

As respostas a estas perguntas, como Ferguson bem viu, não podem estar na própria passagem do símile do Sol, mas antes. Contudo, parece-me que é justamente quanto a este “antes” que o nobre estudioso não se demorou o suficiente. De outro modo, não lhe teria escapado, como efetivamente escapou, a “própria ordem” em que Platão expõe os seus elementos textuais. Durante a inteira segunda metade do Livro V, e o começo do Livro VI, o personagem Sócrates insistiu, incansavelmente, e com pleno consentimento dos presentes, sobre a existência de dois nítidos, diferentes e antitéticos modos de ser na realidade: o das Formas ou Ideias, e o dos entes particulares sensíveis que participam nelas (doravante abreviados nesta comunicação por “instâncias”). Trata-se esse reconhecimento desses dois modos de ser daquilo que Franco Ferrari chamou de “separação ontológica”²⁰, que é o núcleo da dita Hipótese das Formas ou Teoria das Ideias em sua “versão *standard*”²¹. Em que pese o fato de os diálogos *Parmênides* e *Sofista* mostrarem, posteriormente, que esta separação entre Forma e instância sensível não pode ser absoluta (sob pena de impossibilitar, entre outras coisas, a própria “participação”), a diferença entre estes dois modos de ser é clara e muito bem estabelecida na passagem *República* V-VI: as Formas são eternas, únicas, imutáveis, essências (*ousíai*), com realidade em si e por si, e passíveis de intelecção mas não de sensação; já as instâncias são 'perecíveis', múltiplas, mutáveis, da ordem da *gênesis*, com realidade dependente em relação às Formas (ao modo da “semelhança” e “participação”), e passíveis de sensação mas não de intelecção²².

Aqui algum leitor meu poderia arguir que esta diferença de

20 FERRARI, 2003, p. 294, 303-305.

21 Cf. FRONTEROTTA, 2001; VEGETTI, 2003b.

22 PLATÃO. *A República*, V, 476a4-d4; 478c7-480a13; VI, 484b3-4; 485b1-3; 486d9-10; 490b2-4; 493e2-494a5; 500b8-c5, 507b2-c2.

dois modos de ser a que se faz alusão foi exposta em momentos outros da discussão, diferentes do momento do símile do Sol, e que não necessariamente tal diferença precisaria estar sendo levada em consideração para interpretação dos elementos desse símile. A este meu leitor, então, seria preciso citar a última passagem acima aludida, na qual o próprio personagem Sócrates diz que, antes de iniciar a exposição da imagem do Sol, é necessário que haja uma concórdia entre ele e seus companheiros quanto a algo “que já se falou anteriormente e também em muitas outras ocasiões”: exatamente a precisa diferença entre o modo de ser das Formas e o das instâncias sensíveis:

[Glauco] - [...] Mas apenas fale.

[Sócrates] – Sim, tão logo [...] estejamos de acordo e recordemos daquilo que foi dito agora há pouco, e de que também frequentemente já foi falado em muitas outras ocasiões.

- O quê?

- [Que] tanto afirmamos existir, quanto delimitamos em nosso *lógos*, muitas coisas belas, muitas coisas boas e do mesmo modo [muitas] coisas individuais.

- Afirmamos, com efeito.

- E também [afirmamos existir] o Belo ele mesmo, e o Bem ele mesmo, e assim com relação a todas aquelas coisas que antes consideramos como múltiplas, só que agora, considerando-as segundo uma única Forma de cada uma – já que a Forma de fato é única -, chamamos cada uma de o que é (*hò estín*).

- Assim as coisas são.

- E dizemos que, por um lado, as coisas a se ver não [são] a se 'enteligir', e, por outro, que as Ideias são a se 'enteligir', mas não a se ver.

- Com toda certeza.

- Pois então, através do quê nós mesmos vemos as coisas vistas?

- Através da visão [...]. (PLATÃO. *República*, VI, 507a7-c2)

É nessa passagem, urge-se reconhecer, que aparece no texto do Livro VI a expressão chave de Ferguson, a noção de “coisas vistas” ou “visíveis” (literalmente: coisas “a se ver”, “a serem vistas”, *tà*

horâsthai). E ela surge aí precisamente como um outro modo de nomear e qualificar aqueles entes cujo modo de ser, tanto “agora há pouco” (no livro anterior), como “em outras ocasiões” (conversas transcorridas em outros diálogos), já vinha sendo apresentado como contraposto ao modo de ser das Ideias inteligíveis: “as muitas coisas belas”, “as muitas coisas boas”, e “cada uma das outras coisas desse mesmo modo”²³. Dessas coisas múltiplas, o diálogo também já fornecera alguns declarados exemplos, como “vozes, cores e figuras belas”, bem como “todas as obras feitas a partir delas”²⁴. Não parece haver dúvidas de que estamos falando dos entes particulares que apreendemos através dos sentidos: vozes → audição; cores e figuras → visão; outras coisas (produtos das artes humanas) → visão, tato e/ou audição. Se se quiser utilizar sem culpa um vocabulário clichê em nossos cursos de filosofia: fala-se dos entes “sensíveis”. Os motivos que levam o personagem Sócrates a falar dessa maneira, fazendo uma espécie de metonímia ao chamar de “visíveis” os entes “sensíveis”, já foram largamente apontados pelos estudiosos²⁵: ele queria privilegiar o sentido da visão, que é aquele cuja característica específica (a necessidade de luz) é o traço que será mais valorizado em seu argumento. Mas, seguindo o trajeto do texto, que a expressão “coisas visíveis” seja aí uma outra maneira de referir-se às “coisas sensíveis”, não vejo como ver de outra maneira. Conforme vimos acima, Ferguson²⁶ entende que nesta mesmíssima passagem (507b) a noção de “visível” é apresentada como “símbolo” ou “imagem” do inteligível. Contra ele, portanto, reitero minha posição: em nenhum momento a ideia de “símbolo”, “imagem” ou “metáfora” aparece nesse trecho. Aliás, em todas as passagens acima aludidas, nas quais estes dois modos de ser, sensível/“visível” e inteligível, são delimitados²⁷, em nenhum momento é dito que as instâncias sensíveis são “símbolos” ou “metáforas” das Formas, como se não possuíssem, no texto, realidade por si só. Muito pelo contrário: ratificando o já

23 PLATÃO. *A República*, VI, 493e2-494a2; 507b2-3.

24 PLATÃO. *A República*, V, 476b5-6; 480a2-3.

25 Cf. ROSS, 1953 (1951); DIXSAUT, 2000; VEGETTI, 2003a e 2003b; FERRARI, 2003.

26 FERGUSON, 1921, p. 132-133.

27 PLATÃO. *A República*, V, 476a4-d4; 478c7-480a13; VI, 484b3-4; 485b1-3; 486d9-10; 490b2-4; 493e2-494a5; 500b8-c5, 507b2-c2.

citado, antes de começar o símile do Sol, Sócrates diz que é preciso estar de acordo quanto ao seguinte: que “afirmamos existir e delimitamos pelo *lógos* as muitas coisas belas, as muitas coisas [...]”. Isto é, contra Ferguson, o texto platônico deixa claro: de início, não está aqui se falando de símbolos, de coisas sem concretude; está se falando de coisas existentes, que aparecem como tais aos sentidos – como “vozes”, “cores”, “figuras”, e “obras fabricadas”²⁸. E as evidências textuais disso são várias. Por exemplo, antes de chamar, no símile do Sol, o conjunto de entes de “o visível”, Sócrates chama-o, no Livro V, de “o opinável” - contrapondo-o então ao conjunto dos entes inteligíveis, que é chamado de “o conhecível” (i.e. os mesmos dois modos de ser que já comentei, agora apresentados em outros termos: *tò doxastón* [...], *tò gnostón*, 478a6-b5). Mais à frente, no final do Livro VI, Platão parecerá não querer deixar dúvidas em seu leitor de que “o visível”, “as coisas sensíveis” e “o opinável” são três modos diferentes de referir-se ao mesmo tipo de ente: após os três símiles, ele fará Sócrates chamar a seção da Linha que até então era chamada de “o visível” (vocábulo que vinha, como vimos, do símile do Sol), de “o opinável”²⁹. Em fazendo assim essa aparente equiparação entre a divisão dos modos de ser do “visível” e do “inteligível”, feita nos símiles do Sol e da Linha, e a divisão dos modos de ser do “opinável” e “cognoscível”, feita no Livro V, o autor da *República* parece mostrar que, o tempo todo, são os mesmos dois modos de ser que estão em jogo, ainda que com denominações variantes. Os mesmos dois modos de ser que já estavam em jogo muito antes de haver qualquer menção à relação de “símbolo” entre eles. Fechados os parênteses, voltemos a Ferguson: mas onde está então esta noção sobre a qual tanto insiste o comentador, a noção de “imagem”, “símbolo” (que o visível seria em relação ao inteligível)? A rigor, no percurso do texto, até o ponto que comentávamos³⁰, essa noção ainda não apareceu. Avancemos, portanto, fiéis à “ordem própria de exposição de Platão”.

5. Inicialmente, não um símbolo, mas uma mera descrição dos elementos na natureza

28 PLATÃO. *A República*, V, 476b5-6, 480a2-3; VI, 493e2-494a2.

29 PLATÃO. *A República*, VII, 534a1-8.

30 PLATÃO. *A República*, VI, 507b2-c2.

Após o último trecho do diálogo citado em texto destacado acima, no qual Glauco concorda quanto à recordação da diferença entre aqueles dois modos de ser³¹, Sócrates passará ao último antecedente do símile do Sol: a descrição do papel, na natureza e especificamente no fenômeno da visão, do Sol e sua luz³². Quando eu digo “na natureza” quero dizer que, nesta passagem, a rápida explicação de Sócrates do funcionamento da visão, baseada no quadripé “Sol + luz + olho + objeto visível”, assume um caráter inteiramente nos moldes do que modernamente chamaríamos de ciência “Física” - ou, mais especificamente, dentro dela, de “Ótica”. O último antecedente do símile é, portanto, por assim dizer (sem maiores pretensões anacrônicas), uma *homología* “científica” ou “física”³³ - (o reconhecimento e concórdia quanto ao 'funcionamento' de um sentido do corpo), em contraste com a anterior, que era uma *homología* “ontológica” ou “metafísica” (o reconhecimento e concórdia quanto à existência de dois modos de ser na realidade). Interessante notar que, até aqui, até esta explicação do fenômeno 'físico' ou 'natural' da ação de “ver”, ainda não houve nenhuma menção à noção de “símbolo” ou “metáfora” entre “visível” e “inteligível”.

Somente quando se fechar este último antecedente do símile, e estando Glauco de acordo com absolutamente tudo que foi

31 PLATÃO. *A República*, VI, 507b2-c2.

32 PLATÃO. *A República*, VI, 507c1-508b11.

33 Importante demarcar que o próprio texto desse trecho da *República* não permite dizer se essa descrição socrática do fenômeno natural da visão equivale ao conhecimento “científico” da época (frisando que, afastando-me do anacronismo, refiro-me às teorias cosmológicas ou “físicas” conhecidas na Hélade dos séculos IV e V a.C.), ou se corresponde, antes, a uma descrição meramente cotidiana, que qualquer homem não instruído poderia realizar. Inclino-me a esta última hipótese, embora eu não discorde que o “tom” da descrição socrática é aquele próprio às ciências da natureza: “[...] a análise da visão areja dentro do simbolismo o espírito da ciência, mas é ciência empregada com propósitos filosóficos” (NOTOPOULOS, 1944b, p. 228). Para uma boa investigação da relação dos elementos do símile do Sol com a tradição poética, religiosa e “científica” grega, cf. NOTOPOULOS (1944a) e NOTOPOULOS (1944b).

nele exposto, é que finalmente Sócrates estabelecerá a analogia entre aqueles “dois tipos” de entes (cf. *taûta dittà eide*³⁴) que, a esta altura do diálogo, já são bem conhecidos do leitor da obra (pois que sobre eles já se falou bastante): o “visível”/“sensível” e o “inteligível”. Repetindo a passagem, então, temos o traçado da analogia:

[SÓC.] Dize então que eu digo [...] isto, sobre a cria do Bem [sc. o Sol], aquele que o Bem gerou como um análogo dele próprio: que o que ele [sc. o Bem] [é] na região inteligível e em relação ao *noûs* e às coisas 'inteligidas', este [sc. o Sol] é o mesmo na [região] visível e em relação à visão e às coisas vistas. (PLATÃO. *República* VI 508b12-c2)

Ora, mas o que Sócrates está fazendo, com essa afirmação, senão tomando a estrutura presente na descrição que ele realizara de um acontecimento 'natural' – a saber, o funcionamento da visão, e a participação fundamental do Sol e sua luz nesse processo -, para utilizar essa estrutura (já descrita) para encará-la agora como uma imagem ou símbolo para ele explicar, analogamente, o 'funcionamento' do processo da cognição? Isto é, correndo o risco de enfadar vocês, meus leitores, vou repetir que estou chamando atenção precisamente para a “ordem própria de exposição de Platão”, no que tange à exposição dos elementos do símile do Sol. De modo a ficar claro, farei uma rápida comparação com os outros dois símiles, chamando atenção para a notável diferença na exposição entre eles. No que tange à Linha e à Caverna, não erramos, em absoluto, em dizer que estes dois discursos são apresentados pelo personagem Sócrates aos seus interlocutores já desde o início de suas exposições como “imagens” (hipotéticas) ou “hipóteses” (imaginadas). Vejamos:

a) as considerações sobre a Linha iniciam-se assim: “Como se estivesses então tomando de uma linha cortada em duas partes desiguais, corte novamente [...]”³⁵; e, logo na sequência, temos ainda: “[...] considere/supõe agora a outra seção [da linha] [...]”³⁶;

34 PLATÃO. *A República*, VI, 509d4.

35 PLATÃO. *A República*, VI, 509d6, grifos nossos.

36 PLATÃO. *A República*, VI, 510a5, grifos nossos.

b) por seu turno, a narrativa da Caverna é assim iniciada: “[...] imagina, através da seguinte experiência, a nossa natureza com relação à educação e à falta dela. Veja, pois, homens numa espécie de habitação subterrânea em forma de caverna [...]”³⁷.

Como vemos, as configurações de elementos, que se fazem presentes nesses dois símiles, são já desde o início apresentadas como “imagens”, como hipóteses imaginadas: Sócrates abertamente pede ao seu interlocutor para “imaginar”, para “supor”, “considerar” uma certa situação, que não lhe é, de antemão, familiar... (no caso da Caverna, a não-familiaridade da imagem chega até a ser ratificada por Glauco³⁸). Todavia, comparativamente, nos é possível dizer que é isso que também ocorre na “imagem” do Sol? Em absoluto. Este símile é introduzido de um modo completamente dispar do dos outros: antes de ser um “símile”, um símbolo, ou uma 'hipótese imaginada', a descrição do papel do sol e de sua luz aparece no texto como a descrição de um acontecimento 'na natureza'³⁹. O papel do Sol e da sua luz, no que tange ao processo de visão sensível, não é, nem para Glauco nem para o leitor do diálogo, de início uma situação imaginária ou hipotética, que precisa ser construída de modo 'artificial' para que se possa pensar nela. Esta situação é apresentada como um dado do cotidiano: faz parte do nosso velho conhecido 'mundo' empírico, ao qual todos estão familiarizados. E é justamente por isso que, no caso específico do símile do Sol, Sócrates não precisa pedir a Glauco para “considerar”, “supor”, “imaginar”, ou qualquer verbo parecido, a configuração de elementos nele presentes – isto é, o arranjo entre Sol, luz, olho e objeto visto. Basta que ele pergunte “então, como é que nós vemos as coisas?”, e prossiga com as perguntas do mesmo gênero e sem grandes profundidades, para que Glauco vá lhe dizendo o arranjo todo. Porque este “arranjo”, na descrição dos elementos imediatamente anterior ao símile do Sol, não é, ainda, uma hipótese filosoficamente montada; está se falando, por enquanto, de uma experiência cotidiana, isto é, do nosso dia-a-dia no mundo físico. Tirando a prova dos nove sobre isso:

37 PLATÃO. *A República*, VII, 514a1-3, grifos nossos.

38 PLATÃO. *A República*, VII, 515a4.

39 Ou um acontecimento no “cosmos material”, se se quiser utilizar a expressão de Ferguson (1921, p. 133).

[Sócrates] Por meio do quê nós vemos as coisas vistas?

[Glauco] Por meio da visão [...].

Então, [...] e as coisas ouvidas [não o são] por meio da audição, e todas as outras coisas [não são] sentidas através dos outros sentidos?

Como não [seria]? [...] (PLATÃO. *República*, VI, 507c1-5)

E, por fim, um pouco mais à frente, Sócrates acrescentará que “o sentido de ver e o poder de ser visto estão ligados [...] pela luz [...]” - e aqui, ele será explícito em dizer que tem em vista sobretudo a luz que vem do sol⁴⁰. Assim, o arranjo presente no símile do Sol foi inicialmente apresentado não como um “símile” ou “símbolo”, mas como a descrição de um arranjo existente na natureza, na realidade sensível. É apenas na sequência (um segundo momento) que Sócrates vai tomar deste arranjo do mundo sensível para utilizá-lo como imagem do mundo inteligível, baseadamente nas semelhanças de função que ele vê entre o sol e o Bem, cada qual respectivamente em seu “arranjo” próprio; e este segundo momento é aquele que foi citado por mim mais acima: o traçado da estrutura da analogia⁴¹.

6. Considerações finais: de um Zêunix às avessas

Agora sim podemos avaliar, nos limites das dimensões inerentes a este meu texto, a interpretação de Ferguson do símile do Sol. O comentador acusa veemente seus antecessores de apresentarem uma grande “ingenuidade”, por tomarem algo que é originariamente uma mera imagem ou símbolo no texto, “o visível”, e transformarem-no em algo que ele não é, a saber: os entes sensíveis da realidade. Mas, atendo-nos fundamentalmente à própria ordem de exposição de Platão, vemos que na verdade é Ferguson quem ‘inverte’ o que é “original” no texto e o que vem depois, posto que ele circunscreve um elemento textual (“as coisas visíveis” ou “o visível”) a um estatuto que não lhe é de fato o mais próprio, o mais “original” no texto. A descrição do sol, da luz e dos objetos é no texto, originalmente, sim, uma descrição do arranjo dos entes sensíveis no mundo (ou, se se

40 PLATÃO. *A República*, VI, 507c6-508a8.

41 PLATÃO. *A República*, VI, 508b12-c2.

quiser fazer valer a expressão que está no texto: o “lugar” ou “região visível” (*tò [...] tópos [...] tò [tópos] horatón*⁴²). O arranjo dos entes sensíveis no mundo, isto é, a conformação dos entes cujo modo de ser o texto da *República* vinha, insistentemente desde o Livro V, demarcando como diferente do modo de ser das Formas inteligíveis. Apenas num segundo momento⁴³, quando esse arranjo de entes sensíveis (o arranjo Sol + luz + olho + objeto visível, o qual fora narrado como uma descrição “na natureza” do fenômeno da visão) já estiver também acordado entre os debatedores⁴⁴, é que Sócrates vai tomá-lo para dizer que esse arranjo é análogo ao arranjo inteligível, e que portanto pode ser usado como “imagem” para pensar esse outro modo de ser da realidade⁴⁵. Antes disso, não: “Platão analisa a percepção sensorial como um cientista e não introduz na análise [...] implicâncias metafísicas até que ele tenha terminado com a análise [...] da visão [...]”⁴⁶. Somente quando essa descrição “física” da visão estiver finalizada e acordada entre os debatedores, a analogia poderá, então, ser finalmente expressa – uma expressão notadamente matemática: o sol está para os entes sensíveis assim como o Bem está para os entes inteligíveis (as Formas). $A : B :: C : D$ ⁴⁷.

Voltando a Ferguson: a despeito, portanto, das interessantes consequências que teria sua leitura – 'livrar' definitivamente Platão de um “dualismo metafísico” nos livros centrais da *República*, e 'livrar' as próprias imagens desses livros de toda a controvérsia e obscuridade que lhes assola -, sou obrigado a dizer que considero a leitura do comentador insustentável. O confronto com a “ordem própria do texto

42 PLATÃO. *A República*, VI, 508c1-2.

43 PLATÃO. *A República*, VI, 508b12-c2.

44 PLATÃO. *A República*, VI, 507d8-508b11.

45 PLATÃO. *A República*, VI, 508b12-c2.

46 NOTOPOULOS, 1944b, p. 228.

47 Conforme a expressão característica da proporção geométrica, *aná lógon*, 508b13; 509d7-8, 511e2, 534a6. Cf. também FERGUSON, 1921 p. 132, 133, 134, 138, 139; MORRISON, 1977, p. 220, nt. 11; ADAM, 2009 (1902), p. 59; DIXSAUT, 2000, p. 126. Esta última comentadora cita ainda ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco* V, 3, 1131a31-32; EUCLIDES. *Elementos* V, def. 8.

de Platão” parece não tornar possível que sua tese principal em relação ao “visível” seja mantida. Isto posto, importa reconhecer que a derrota desse estudioso não significa conceder a vitória a todos aqueles aos quais ele se opunha. Afinal, que haja “dualismo metafísico” nos símiles, que a realidade esteja sendo mesmo dividida em dois, e que o texto esteja estabelecendo dois lugares opostos, infinitamente separados, como duas retas paralelas... creio que não estejamos obrigados a assumir isso com o abandono da leitura fergusoniana. Ora, em meio ao oceano de metáforas em que o leitor de Platão está habituado a nadar, o que nos impede de considerar que *tópos* (“região”, “lugar”), quando Sócrates fala em “região visível” e “região inteligível”⁴⁸, não seja também apenas mais uma metáfora? Isto é, não precisamos tomar o sentido “topográfico” do termo, lendo-o de modo literal. Na verdade, mais que não precisamos: creio que não devemos. O próprio personagem Sócrates parece apontar que *tópos* aí deve ser lido como “gênero” de ente, “tipo” de ente: *génos [te kai tópos]; eîdos*⁴⁹.

Por outro lado, o que é fundamental termos em mente com todos esses termos, e isso sem sombra de dúvida, pois que já vinha sendo afirmado constantemente no texto da *República*⁵⁰, é a diferença entre os dois modos de ser (eidético e sensível), que, aos olhos da alma do dialético, parecem cintilar sua 'presença' em todas as coisas do real. A noção de dois “tipos” de entes como dois “modos de ser” contrastados entre si aparece também como evidenciada pelo reiterado uso de advérbios para modular ou qualificar o verbo “ser” no fim do Livro V⁵¹. E esse contraste, aos meus olhos, os três símiles parecem na verdade só reforçar. Para tentar ofuscar essa evidência textual, que de tão recorrente chega a ser uma insistência do autor, Platão, Ferguson afirmou que estas evidências só poderiam ser vistas se alguém errasse em “materializar uma metáfora”⁵², em materializar algo que, no texto, seria apenas uma pintura ou imagem. Apesar da autoridade do estudioso, creio que o erro foi, na verdade, dele. O erro em ter

48 PLATÃO. *A República*, VI, 508c1-2.

49 PLATÃO. *A República*, VI, 509d2-4.

50 PLATÃO. *A República*, V, 476a4-d4; 478c7-480a13; VI, 484b3-4; 485b1-3; 486d9-10; 490b2-4; 493e2-494a5; 500b8-c5, 507b2-c2.

51 PLATÃO. *A República*, V, 477a3, a7, 478d6-7, 479d5.

52 FERGUSON, 1921, p. 133 (*sic.*).

ignorado que o texto da *República* no Livro VI estava sim falando, insistentemente, e desde o livro anterior, de coisas (para empregar os próprios termos fergusonianos) “materiais”. Isto é, seu erro foi o caminho inverso de sua acusação: ele 'desmaterializou' um arranjo material, natural, dos entes sensíveis na natureza, para dizer que isso era *apenas uma imagem, e nada mais*.

Retomando, por fim, aquela famosa querela entre os pintores gregos antigos, vimos Plínio contar que Zêuxis, olhando para a imagem de um objeto, julgou ter diante de si o objeto mesmo, concreto, esforçando-se por agarrar algo que era apenas uma imagem. Ferguson parece então ter desempenhado o papel de um Zeuxis às avessas: olhou para um arranjo de elementos naturais, e, de um modo rápido demais, tomou-o por mera imagem sem concretude ou realidade – mero símbolo. Com isso, ele inverteu a “ordem própria” do texto de Platão (que era: descrição da estrutura/arranjo dos entes sensíveis → uso desse arranjo como “imagem” ou “símbolo” para o “arranjo” inteligível), apresentando assim um símile do Sol... virado de ponta à cabeça.

[...] quisera que este livro [...] fosse o mais formoso, o mais galhardo e discreto que se pudesse imaginar; porém [...] que podia [...] o meu engenho, estéril e mal cultivado, produzir neste mundo, senão a história de um filho magro, seco e enrugado [...]? Bem como quem foi gerado em um cárcere, onde toda a incomodidade tem o seu assento, e onde todo o triste ruído faz a sua habitação?

Miguel de Cervantes⁵³

7. Bibliografia:

ADAM, J. *The Republic of Plato vol. II. Edited with critical notes, commentary, and appendices by James Adam*. Cambridge: CUP, 2009 (1902).

BROWN, S. (ed.) *Dictionary of Twentieth-Century British Philosophers*. Bristol: Thoemmes Continuum, 2005.

53 SAAVEDRA, 2002, p. 14-15.

DIXSAUT, M. “L’analogie intenable: le Soleil et le Bien”. In DIXSAUT, M. *Platon et la question de la pensée*. Paris: Vrin, 2000 (1991).

FERGUSON, A. S. “Plato's Simile of Light. Part I. The Similes of the Sun and the Line”. *The Classical Quarterly* 15 No. 3/4 (1921).

FERGUSON, A. S. “Plato's Simile of Light. Part II. The Allegory of the Cave (continued)”. *The Classical Quarterly* 16 No. 1 (1922).

FERGUSON, A. S. “Plato's Simile of Light Again”. *The Classical Quarterly* 28 No. 3/4 (1934), p. 190-210.

FERRARI, F. “L’idea del bene: collocazione ontologica e funzioni causale”. In PLATONE. *La Repubblica*. Traduzione e commento a cura di Mario Vegetti. Napoli: Bibliopolis, 2003.

FRONTEROTTA, F. *METHEXIS. La teoria platonica delle idee e la partecipazione delle cose empiriche*. Pisa: Scuola Normale Superiore, 2001.

HÖLDERLIN, F. “Remarks on ‘Antigone’”. In HÖLDERLIN, F. *Essays and Letters on Theory*. New York: State University of New York Press, 1988.

MORRISON, J. S. “Two unresolved difficulties in the Line and Cave”. *Phronesis*, 22 (1977).

MURPHY, N. R. “The ‘Simile of Light’ in Plato's Republic”. *The Classical Quarterly* 26 No. 2 (1932).

NOTOPOULOS, J. A. “The Symbolism of the Sun and Light in the Republic of Plato I”. *Classical Philology* 39 – No. 3 (1944).

NOTOPOULOS, J. A. “The Symbolism of the Sun and Light in the Republic of Plato II”. *Classical Philology* 39 – No. 4 (1944).

ROSS, W. D. *Plato's Theory of Ideas*. Oxford: Clarendon Press, 1953 (1951).

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. “Prólogo”. In SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de la Mancha*. Nova Cultural: São Paulo, 2002 (1604).

VEGETTI, M. “Introduzione ai libri VI e VII”. In PLATONE. *La Repubblica*. Traduzione e commento a cura di Mario Vegetti. Napoli: Bibliopolis, 2003.

VEGETTI, M. “*Megiston mathema*. L’idea del “buono” e le sue funzioni”. In PLATONE. *La Repubblica*. Traduzione e commento a cura di Mario Vegetti. Napoli: Bibliopolis, 2003.